

Nesta terra de doce açúcar, pretos e pretas não tiveram acesso a preservar os rostos de seus antepassados. Precisaram construir uma ancestralidade coletiva, pouco individualizada. Arquétipos do Atlântico do não-retorno no lugar das feições de avós e avôs para seus prantos. Uma saudade permanente, sem rostos. Um choro por todos, não pelo parente, cuja face sumiu da história.

Jeff Alan preenche os espaços em perverso branco da história. É a vela que agora queima para cima.

Com uma potente narrativa visual, preenche fraturas da memória coletiva, projeta a cura de antigas feridas. Vértice de um novo figurativismo negro que desfaz os apagamentos da escravidão, tanto rasga a celebração da branquitude perversa nos antigos álbuns de família, como o embranquecimento simbólico para a sobrevivência social. Mais que gerar memória afetiva, retratos têm tido como fim, vide poses e trajas articulados ao redor das figuras do pai-senhor, produzir memória e poder social.

Se, por um lado, toma partido do figurativismo e de um padrão cromático que, desde o início do século 20, confere um acento próprio a um modernismo pernambucano, a poética de Jeff muda radicalmente o eixo do olhar. Converte o familiar em argumento histórico, "antiocidental".

Se, como Gil cantou, a felicidade do negro é uma felicidade guerreira, Jeff Alan põe em decomposição a figura do preto de subalternidade degradante naturalizado por Debret. Ao trazer seus contemporâneos, quase sempre tão periféricos porque pretos, quase sempre pretos porque periféricos, para o centro não apenas da composição, mas a lugares sociais historicamente negados, Jeff Alan e sua pintura nos informam o que a planta silenciosamente nos diz: Comigo, ninguém pode!

Bruno Albertim, curador.

This land of sweet sugar faced a significant challenge: black men and women lacked access to preserving the images of their ancestors. Instead, they had to construct a collective ancestry, rather than an individualized one. Atlantic archetypes of non-return replaced the familiar features of grandparents in their mourning, leaving a permanent longing without faces. It was a cry shared by everyone, not just for the relatives whose faces had vanished from history.

Jeff Alan fills the gaps in the perverse whiteness of history. He is the candle that now burns upward.

With his powerful visual narrative, he bridges the fractures in collective memory, projecting the healing of old wounds. At the forefront of a new black figurativism that undoes the erasures of slavery, it dismantles the celebration of white dominance in old family albums and symbolic whitening for social survival. Portraits, with their purpose evident in the coordinated poses and attire around the figures of the master-father, serve to produce memory and social power.

While he aligns himself with figurativism and a chromatic pattern that, since the early 20th century, has given a distinct accent to Pernambuco's modernism, Jeff's poetics radically shift the axis of vision. He transforms the familiar into a historical and "anti-Western" argument.

If, as Gil sang, the happiness of Black people is a warrior's happiness, Jeff Alan dismantles the figure of the Black person from the degrading subalternity naturalized by Debret. By bringing his contemporaries,

almost always marginalized because they are Black, and almost always Black because they are marginalized, not only into the composition but also into socially and historically denied spaces, Jeff Alan and his painting inform us of what the Comigo-ninguém-pode plant silently conveys: "Nobody Messes with Me!".

Bruno Albertim, curator.